

## *Manuscrito de Mário de Andrade*

EM 1945, ao morrer, Mário de Andrade deixa dois inéditos intitulados *Café*: romance e ópera (“concepção melodramática” e libreto), dossiês em seu arquivo, no IEB-USP. Projetos inacabados, exibem muitas notas e versões.

Na entrevista a Mário da Silva Brito, no *Diário de S. Paulo*, a 2 de dezembro de 1943, indagado sobre sua desistência de *Café*, o escritor anuncia: “Sim e não. Sim, porque morreu como romance. Não, porque vai ser uma ópera. Dele extraí elementos para um trabalho desse gênero”. No manuscrito do romance, a nota de planejamento *Café/ Final* delinea a passagem: “Nesta parte é que a sensibilidade geral é de revolta, não conformismo, comunismo, violência e comoção”; enquanto que o desfecho da ópera advém do plano *Café/ Cronologia*: “Final/ Rebenta a Revolução de 5 de outubro. Angústia da cidade. Vitória”.

Dando relevo à “importância social do teatro cantado”, o libreto privilegia massas corais. A única solista é a Mãe, “receptora de todos os sofrimentos”. Nos anos de 1940, acirra-se a preocupação do intelectual com as injustiças sociais. É dessa época a contundente entrevista a Francisco de Assis Barbosa, “Acusa Mário de Andrade: ‘Todos são responsáveis’”, no jornal carioca *Diretrizes*, 6 de janeiro de 1944.

No final de 1942, o libreto é entregue a Francisco Mignone. Para Flávia Camargo Toni, em *Café, uma ópera de Mário de Andrade: estudo e edição anotada*, o excesso de intenções musicais manifestas por Mário-músico nos poemas e em cartas tira a liberdade artística do compositor que, por fim, não conclui o trabalho.

(Tatiana Longo Figueiredo)

C A F É

CONCEPÇÃO MELODRAMÁTICA

Primeiro Ato - Primeira Cena

1.º "PORTO PARADO"

Desde muito que os donos da vida andavam perturbando a marcha natural do comércio de café. Os resultados foram fatais. Os armazens se entulharam de milhões de sacas de café indesejado. E foi um crime nojento. Mandaram queimar o café nos subúrbios escusos da cidade, nos mangues desertos. A exportação <sup>de sacas</sup> ~~desseceu~~ tanto que o porto quase parou. Os donos viviam no ter e se aguentavam bem com as sobras de dinheiro ajuntado, mas e os trabalhadores, e os operários, e os colonos? A fome bateu na terra tão farta e boa. Os jornais aconselhavam paciência ao povo, anunciavam medidas a tomar. Futuramente. A inquietação era brava e nos peitos dos estivadores mais sabidos do porto parado, numa hesitação desgraçada, entre desânimos, a cólera surda esbravejada, se assanhavam os desejos de arreventar.

A orquestra, de sepetão, está agitadaíssima, desagradável, quase tão irrespirável como o turbilhão que agita interiormente os estivadores. O pano se ergue rápido no armazem do porto. O armazem está sombrio, apenas no fundo a fresta da <sup>porta</sup> ~~enorme~~ porta de correr. As pilhas de sacas de café sobem até o teto no fundo, dos dois lados. <sup>Mais</sup> ~~Mais~~ <sup>na</sup> ~~para~~ a frente, as sacas se amonteam mais desordenadas, às quatro, às tres, outras sozinhas. Sobre elas, deitados, sentados, aos grupos, os estivadores quase imóveis esperam. Mais deixam raivar o turbilhão que têm do peito do que esperam, esperar e quê! A um lado, junto à ribalta, um grupo deles no chão quer matar o tempo no jogo de truco. A vestimenta de todos é a mesma, calças escuras, largas, e as camisas de meia com listas ~~\$\$\$\$\$\$\$\$~~ vivamente coloridas, vermelho e branco, azul marinho e branco, amarelo e rôxo, verde e encarnado. Esta calça de veludo côr-de-charuto denuncia um espanhol, assim como a bôina que ele traz. Estes bigodos no estivador gordo, denunciarão o português. Tem a palheta de banda deste rapaz amulato, e dois negres de cabeça ao vento, enorme, luzindo.

Na fresta da porta de fundo entra mais um estivador. Vem desanima-